

DEUSES OCULTOS: O SUJEITO LÍRICO E A HISTÓRIA EM MAR ABSOLUTO, DE CECÍLIA MEIRELES

Daniela KERN*

Resumo: Neste artigo, após a consideração de que tanto a percepção histórica da passagem do tempo quanto a delimitação e a expressão da subjetividade são construções paulatinamente elaboradas pela cultura ocidental, pretende-se estudar a relação do sujeito lírico da poesia moderna com a história. Como objeto de análise foram selecionadas poesias do livro *Mar absoluto*, de Cecília Meireles, e nelas destacou-se a interação do sujeito lírico tanto com dimensões históricas como com dimensões metafísicas da relação do eu com o mundo, à medida em que entendemos que também o discurso lírico sobre o plano metafísico é dimensão privilegiada para a compreensão da subjetividade lírica moderna.

Palavras-chave: subjetividade, história, poesia, Cecília Meireles

Nenhum caminho parcial
Conduz à meta total.
Só na visão do Todo se encontra a
Divindade.

Lao-Tsé, Tao Te Ching

Safo envelheceu. O fragmento de um poema seu, incompleto, cujas lacunas foram preenchidas pelo poeta alemão Manfred Hausmann, mostra o retrato que ela pinta da velhice:

Já está minha pele enrugada pelos anos, minha coma corvínea encanecida. Estão fracas as mãos, mais fracos os joelhos que não mais me sustentam. Não mais posso mover-me em passo de dança entre as donzelas, semelhante às indianas, à noite no pequeno bosque. Mas o que fazer?

* Doutoranda em Teoria da Literatura, Programa de Pós-Graduação em Letras, PUCRS, danielapmkern@yahoo.com.br.

Um homem mortal não pode gozar eternamente da juventude. Teve de aprendê-lo, diz uma canção, que também a Aurora conduziu, furtiva, o jovem Titã até os confins do mundo. Mas também até ele chegou a triste velhice. E agora que não mais se pode aproximar, à noite, da doce consorte, pensa ele ter perdido toda felicidade. E implora a Zeus que o mais rápido possível lhe conceda a morte. Eu, porém, sigo atraída pela graça e pela plenitude dourada. Desse esplendor sigo cercada, porque eu amo o sol (SNELL, 2000, p. 73).

Nesse poema, Safo descreve as marcas que o tempo deixou em seu corpo. A fraqueza dos joelhos a impede de dançar como antes. A constatação de que a juventude acaba para todos vem em seguida, ilustrada pelo exemplo do jovem Titã, conduzido pela Aurora, que um dia também envelheceu e, não suportando a velhice, pediu a Zeus a própria morte. Safo, nesse ponto, discorda do infeliz Titã: está velha, sim, e padece fisicamente com os sinais da velhice, mas segue encantada pela vida, pela “plenitude dourada”, pelo sol. De acordo com Snell, aqui Safo lembra a si mesma de “que conservou o essencial de sua juventude, o amor pelo que é luminoso e resplandecente” (SNELL, 2003, p. 74). Snell, no entanto, em *O despontar da individualidade na lírica grega arcaica* chama a atenção para um ponto importante, sintomático do modo como toda a lírica clássica encarava a relação entre o sujeito e o transcorrer do tempo: Safo “não faz nenhuma tentativa de dar um sentido à velhice, ao passar do tempo” (SNELL, 2003, p. 74).

Isso acontece, para Snell, porque a tristeza e a imperfeição da vida na terra era algo tacitamente aceito pelos gregos, Homero já o sabia, e os próprios heróis “são príncipes da profunda e intrínseca imperfeição do homem” (SNELL, 2003, p. 74). O sentido para a vida terrena é buscado entre os deuses. Os líricos gregos que, portanto, não procuram pela perfeição na terra, satisfeitos que estão com a perfeição divina, não abandonam seus deuses, contra eles não se rebelam. A rebelião inicia-se apenas, de acordo com Snell, “quando o homem começa a pensar que a vida humana poderia ter mais sentido e os deuses poderiam ser ainda mais perfeitos, e sobretudo

quando ele quer dar conta da justiça terrena” (SNELL, 2003, p. 74). Safo não se rebela contra a imperfeição da vida terrena que a velhice representa. Também não procura identificar em quê seu modo de sentir essa passagem do tempo poderia ser diferente daquele de todos os outros. Ela concebe, como o restante do mundo grego, o curso da vida humana de acordo com categorias gerais, ou seja, ela resigna-se diante da velhice da mesma forma de todos aqueles que também se resignam. Longe de ser única e irrepetível, sua atitude é por ela mesma expressa como típica. Segundo Snell, “a essa concepção da vida humana deu-se o nome de ‘clássica’, e ao espírito grego corresponde o fato de que, na lírica primitiva, a revelação do sentimento pessoal venha acompanhado do senso do contínuo mudar das coisas. Os líricos não sentem como ato pessoal nem mesmo suas ações” (SNELL, 2003, p. 71).

Tornamos a encontrar o tempo que transcorre na terra sendo descrito a partir de uma perspectiva geral e marcadamente a-histórica, no *Eclesiastes*, livro de sabedoria escrito por Coélet, rei de Israel, em III a.C. Vejamos, como exemplo, essa passagem que é uma das mais famosas do livro, *A eterna mesmice*:

Geração vai e geração vem; mas a terra permanece para sempre.

Levanta-se o sol, e põe-se o sol, e volta ao seu lugar, onde nasce de novo.

O vento vai para o sul e faz o seu giro para o norte; volve-se, e revolve-se, na sua carreira, e retorna aos seus circuitos.

Todos os rios correm para o mar, e o mar não se enche; ao lugar para onde correm os rios, para lá tornam eles a correr.

Todas as cousas são canseiras tais, que ninguém as pode exprimir; os olhos não se fartam de ver, nem se enchem os ouvidos de ouvir.

O que foi é e o que há de ser; e o que se fez, isso se tornará a fazer; nada há, pois, novo debaixo do sol.

Há alguma coisa de que se possa dizer: Vê, isto é novo?
Não! Já foi nos séculos que foram antes de nós.
Já não há lembranças das coisas que precederam; e das
coisas posteriores também não haverá memória entre os
que hão de vir depois delas (ECLESIASTES 1: 4-11).

Para a voz que ouvimos no *Eclesiastes*, tudo está sempre a se repetir, o que é considerado um aborrecimento. O passado, para essa voz, é sempre esquecido e o futuro não reserva surpresas. Nós somos como os que já foram, e os que hão de vir serão como nós. O plano divino neste trecho não é evocado, aqui não há refrigério metafísico para as canseiras do mundo. A voz que narra o livro tampouco pretende-se pessoal ou subjetiva. Não se apresenta enquanto sujeito, e limita-se a olhar para o mundo em termos gerais, descrevendo-o “como é”, pelo menos de acordo com o que uma perspectiva pessimista de mundo poderia então julgar verdadeiro.

De qualquer maneira, é ainda na Bíblia, em diversos de seus relatos, que podemos observar, segundo a hipótese de Erich Auerbach, formulada em *A cicatriz de Ulisses*, a emergência de um olhar histórico sobre a vida conjuntamente ao aprofundamento da expressão dos conflitos íntimos do homem. Se o relato bíblico não abandona os universais ao propor uma história universal, sobretudo o do Velho Testamento (seus relatos abrangem desde o começo até o final dos tempos), diferentemente da poesia grega, para Auerbach, “não quer nos fazer esquecer a nossa própria realidade durante algumas horas [...], mas suplantá-la; devemos inserir nossa vida no seu mundo, sentirmo-nos membros da sua estrutura histórico-universal” (AUERBACH, 2004, p. 12). Auerbach chama a atenção para o modo como a individualidade das grandes figuras do Velho Testamento é modelada historicamente, ao longo de sua vida terrena. O tempo as transforma (pensamos nas transformações pelas quais passam Jacó, José, Davi, Abraão), o que não ocorre com a maioria dos heróis gregos, que já são apresentados “prontos”, vivendo uma idade fixa.

Tanto a percepção histórica da passagem do tempo quanto a delimitação e a expressão da subjetividade, longe de “naturais” (como

acabamos de ver, nesse breve resumo, incipientes na lírica grega e ainda de dimensões limitadas nos relatos bíblicos), são construções paulatinamente elaboradas por nossa cultura, pela cultura ocidental. Nossa moderna auto-imagem tem consciência da própria subjetividade. Como destaca Colin Morris, em *The discovery of the individual*, “We think of ourselves as people with frontiers, our personalities divided from each other as our bodies visibly are. Whatever ties of love or loyalty may bind us to other people, we are aware that there is an inner being of our own; that we are individuals” (MORRIS, 2004, p. 1). Morris, contudo, lembra-nos o quão longe está essa auto-imagem de constituir-se em experiência cultural universal: “Western individualism is therefore far from expressing the common experience of humanity . Taking a world’s view, one might almost regard it as an eccentricity among cultures” (MORRIS, 2004, p. 2). As tendências de introspecção e a formação de um olhar histórico sobre os acontecimentos são, a partir da Idade Média, cada vez mais perceptíveis. No que tange a introspecção, experiências até então públicas pouco a pouco encontram seus equivalentes na esfera privada. A leitura em voz alta perde em popularidade para a leitura silenciosa. A comunicação publicamente intermediada com Deus pelos padres em elaboradas cerimônias religiosas, após a Reforma de Lutero, pode ser feita “diretamente” e em particular. É o surgimento da idéia de um Deus pessoal. Na literatura, por sua vez, há o desenvolvimento de gêneros antes impensáveis, como diários e autobiografias em tom confessional. E, como afirma Morris, referindo-se ainda tanto ao domínio literário quanto ao religioso, “There was also been in Western literature a strong element of self-discovery, expressed in highly personal lyric poetry or in the stress of personal experience in religion. This ‘inwardness’ or acute self-awareness has been a distinctive feature of Western man”. (MORRIS, 2004, p. 4).

Quanto à formação do olhar histórico, eis um processo que ganhou grande impulso com o projeto renascentista de valorização do homem e da vida terrena. A sucessão de acontecimentos das sociedades passa a ser percebida em suas particularidades, seu caráter único passa a ser destacado, e a idéia de que vale a pena despende tempo e energia na coleta de vestígios que permitam a reconstituição de épocas passadas se impõe. Não que a

noção de ciclos ou repetições históricas tenha sido abandonada. Veremos os grandes ciclos de Vico, e mais tarde as concepções progressistas e evolutivas de história. A diferença é que agora tais teorizações são elaboradas a partir de dados particulares, levando em consideração informações históricas concretas. Os olhos estão voltados para a terra, e não mais para o céu.

Tantas mudanças nos modos de perceber também atingem, sem dúvida, o plano filosófico. A “paternidade” filosófica do individualismo moderno ainda é tema de discussões acaloradas. Estaria na base da imagem de nós mesmos enquanto indivíduos independentes o Nominalismo do teólogo medieval William de Occam, que preparou terreno, com a negação da realidade dos universais, para a apreensão da realidade como um conjunto de partes isoladas artificialmente integradas por nosso frágil intelecto? Ou a base seria a Monadologia do iluminista Leibniz, que visualiza os seres do mundo como mônadas autônomas? Independentemente de quem tenha razão, os sinais de que o homem cada vez mais olha para dentro de si e de que cada vez mais acredita que o mundo que existe é aquele captado e deformado por seus sentidos, ou, mais ainda, o mundo que seus sentidos projetam sobre o exterior, estão por toda parte na história recente da filosofia. A noção de subjetividade cresce em importância a ponto de, segundo Renaut, uma corrente filosófica como o idealismo germânico propor “the reduction of all reality to subjectivity” (RENAUT, 1999, p. 12). As conseqüências dessa visão crescentemente subjetivista são assim sintetizadas por Richard Tarnas, em *A epopéia do pensamento ocidental*:

Porque a vida humana – finita, condicionada, problemática, individual – era tudo que o Homem poderia saber, a subjetividade humana e a própria natureza do Ser Humano necessariamente permeava, negava ou tirava a autenticidade de quaisquer tentativas de uma concepção do mundo imparcialmente objetiva (existencialismo e fenomenologia) (TARNAS, 2003, p. 380).

Consciência da subjetividade e consciência histórica estão relacionadas. A percepção do eu sobre si mesmo serve então como metáfora

para a percepção histórica: a observação de que o tempo transforma não só os corpos, mas os modos de sentir e de pensar do sujeito, de uma maneira única, pessoal e intransferível, abre a possibilidade de que se pense que o mesmo acontece com a existência coletiva dos grupos humanos, isto é, o tempo para eles também passa, e modifica seus hábitos, seus costumes e suas crenças.

O mais lembrado “efeito colateral” dessa mudança de paradigmas de pensamento é a perda da fé, a certeza de que a crença em deuses é uma etapa histórica entre outras, a convicção de que o plano metafísico é uma ficção também historicamente explicável. Em decorrência disso, a quantidade de poetas e escritores que expõem em suas obras, a partir do romantismo, sobretudo, o vazio deixado pela ausência de fé, que procuram, desoladamente, por algo que torne a conferir valor a suas experiências íntimas, cresce em proporções geométricas.

Um dos caminhos para explorar as relações entre subjetividade e história na poesia seria, por evidente, procurar as vozes de poetas assim, filhos típicos de seu tempo, estetas puros, que só acreditam no que lhes chega através dos sentidos, ou nihilistas convictos, que até a fruição estética desprovêem de sentido. Outro caminho possível é escolher vozes que, ainda que conscientes da própria historicidade, ainda que exploradoras ativas da própria subjetividade, sigam especulando sobre os planos metafísicos, construindo imagens que os retratem e maneiras complexas de se relacionar com eles. É esse caminho que trilharemos aqui, após essa não tão curta digressão pela história das idéias, ao escolher a voz de uma poeta brasileira, Cecília Meireles, a fim de compreender como constrói sujeitos líricos que são historicamente conscientes, que perscrutam a própria subjetividade e que sondam as esferas metafísicas, em busca de uma divindade que acaba por assumir a forma de uma força da natureza. Mais especificamente, julgamos a relação do sujeito lírico com o plano metafísico como aspecto privilegiado para a percepção de outra cadeia de relações, a do sujeito lírico com a história. É bem mais difícil encontrar Deus em uma cultura que o esconde. É bem mais difícil tentar enxergá-lo a partir de um ponto de vista subjetivo, a partir de uma subjetividade que não tem provas históricas de sua existência.

Cecília, talvez atendendo àquele chamado do tom oracular que seduz os poetas desde o surgimento da poesia, tom ao qual Albert Cook, em *The reach of poetry*, se refere e ao qual, segundo ele, nem mesmo muitos dos poetas modernos foram capazes de resistir (COOK, 1995), não se esquivou diante dessa questão paradoxal: procurar o eterno olhando para dentro de si, com a consciência de que o tempo passa e de que a tudo transforma de maneira irrepetível e infinita. Vejamos como Cecília lida com esse paradoxo.

Começemos com alguns poemas selecionados do livro *Mar absoluto*. No poema que dá título ao livro, *Mar Absoluto*, o sujeito lírico, desde o começo do poema, contrapõe à transcendência do mar a própria historicidade: “Foi desde sempre o mar./ E multidões passadas me empurravam/ como a barco esquecido” (MEIRELES, 1983, p. 13). O mar simboliza a eterna presença, enquanto o sujeito lírico está consciente de que a sua realidade é a dos que passam. Os versos seguintes atestam que o sujeito lírico não esquece seus mortos:

Então, é comigo que falam,
sou eu que devo ir.
Porque não há mais ninguém,
não, não haverá mais ninguém,
tão decidido a amar e a obedecer a seus mortos
(MEIRELES, 1983, p. 13).

A voz dos mortos o chama. Mas não é mais uma voz histórica. Os mortos livraram o corpo “da lição frágil da areia”. O sujeito lírico do poema deixa-se levar por essa voz, atordoado, em um primeiro momento (“e fico tonta”). E logo a ela se une. O sujeito, que até aqui falava em primeira pessoa, passa a falar em terceira:

Meu sangue estende-se com essas vozes poderosas.
A solidez da terra, monótona,
parece-nos fraca ilusão.
Queremos a ilusão grande do mar,

multiplicada em suas malhas de perigo (MEIRELES, 1983, p. 14).

O sujeito lírico está mais forte unido às vozes dos mortos do que sozinho. A fragilidade dos assuntos terrenos, transformados e aniquilados pelo passar do tempo e pelo registro histórico, é constantemente referida:

Queremos a sua solidão robusta,
uma solidão para todos os lados,
uma ausência humana que se opõe ao mesquinho
formigar do mundo,
e faz o tempo inteiriço, livre das lutas de cada dia
(MEIRELES, 1983, p. 14).

E as vozes dos mortos, por sua vez, tiram a própria força da fusão com o mar, aqui metáfora para o que é total, completo, auto-suficiente. O mar é “a pura sombra de si mesmo”. O mar “Não precisa do destino fixo da terra,/ ele que, ao mesmo tempo, / é o dançarino e a sua dança” (MEIRELES, 1983, p. 14). Entre outros atributos divinos, o mar possui uma “eternidade lúdica” que nada menos é que “perfeita”. O mar, soma de todas as vozes, chama o sujeito lírico:

Não me chama para que siga por cima dele,
nem por dentro de si:
mas para que me converta nele mesmo. É o seu máximo
Dom
(MEIRELES, 1983, p. 15).

Chama-o, mas não o quer histórico nem individual. Ele não quer que mantenha sua natureza terrena e finita. O que o mar deseja o sujeito lírico, novamente em primeira pessoa, declara:

Aceita-me apenas convertida em sua natureza:
plástica, fluida, disponível,
igual a ele, em constante solilóquio,

sem exigências de princípio e fim.
desprendida de terra e céu (MEIRELES, 1983, p. 15).

O sujeito lírico revela, adiante, a compreensão de que suas intenções e as do mar são diferentes, de que são distintas as perspectivas que conduzem a vontade de um e de outro:

E eu, que viera cautelosa,
por procurar gente passada,
suspeito que me enganei,
que há outras ordens, que não foram bem ouvidas;
que uma outra boca falava: não somente a de antigos
mortos,
e o mar a que me mandam não é apenas deste mar
(MEIRELES, 1983, p. 15).

É aqui que o sujeito lírico de fato percebe que o mar que o chama não é “este mar”, não é um mar histórico, individual e específico. O sujeito lírico, que em sua procura de gente passada ansiava pela recuperação de sua história, depara-se, involuntariamente, com o plano “sobre-humano” (“E recordo minha herança de cordas e âncoras, / e encontro tudo sobre-humano”). E essa face do mar, para ele, é uma “face espantosa”.

Heinrich Beck, em *El dios de los sabios y de los pensadores*, explica do seguinte modo o instinto religioso no homem:

Pues la religación del hombre acontece no a causa de un instinto ciego, sino a causa de la nítida conciencia íntima de la propia relatividad y fragilidad y del “carácter de referencia” de todas las cosas: es decir, a causa de la deducción inexpresable de la relatividad del mundo en orden a un fundamento absoluto del ser [...]. (BECK, 1968, p. 15)

Nos poemas de Cecília que aqui destacamos, contudo, a religião com o plano superior, não totalmente cognoscível, divino, não é desejada, mas constatada. O sujeito lírico tem consciência da própria fragilidade, funda sua identidade historicamente e não assume posição niilista. Todavia, também não manifesta sua dimensão religiosa como “desejo” ou “vontade”. O contato com a divindade é destino, é fado, como podemos ler nesses versos do poema *Beira-mar*:

e eu navego e estou parada,
vejo mundos e estou cega,
porque isto é mal de família,
ser de areia, de água, de ilha...
E até sem barco navega
quem para o mar foi fadada.

Deus te proteja, Cecília,
que tudo é mar – e mais nada (MEIRELES, 1983, p. 57).

O sujeito lírico aqui, Cecília, atendeu ao chamado de *Mar absoluto*, e já se encontra convertido em mar, pois “tudo é mar – e mais nada”. Aqui o sujeito já é, como o mar de *Mar absoluto*, “o dançarino e a sua dança”, porque funciona agora dentro da mesma lógica dúplice: navega e está parado, vê e está cego. Os laços com a família, no entanto, importante símbolo da identidade histórica do sujeito lírico, o mar não conseguiu desfazer, pois que a condição ambivalente desse sujeito é, afinal, “mal de família”.

No poema *Canção* encontramos a repetição de todos esses motivos. O sujeito lírico possui a paradoxal capacidade de regeneração do mar: “quanto mais me despedaço, / mais fico inteira e serena” (MEIRELES, 1983, p. 140). E a religiosidade mais uma vez se manifesta antes como destino do que como escolha: “Por meu Dom, divino faço / tudo a que Deus me condena” (MEIRELES, 1983, p. 140). Se aqui o sujeito lírico não é “o dançarino e sua dança”, é pelo menos algo equivalente: “Sou a passagem da seta / e a seta, - em cada momento” (MEIRELES, 1983, p. 140). É o agente e

o movimento do agente, ao mesmo tempo, como o mar, que é água e movimento da água. O mar é matéria e movimento, e é também manifestação de divindade, mas a nossa compreensão dele é necessariamente imperfeita. Não conseguimos ver isoladamente a matéria, podemos apenas imaginá-la através de seu movimento. É essa a lição que os versos finais do poema contêm:

Não digas aos que encontrarem
que fui conhecida tua.
Quando houve nos largos mares
desenho certo de rua?
E de teres visto luares,
que ousarás contar da lua? (MEIRELES, 1983, p. 140)

O sujeito lírico é mar, logo matéria e movimento. Quando traça um paralelo com a lua, ele reconhece a própria centelha divina, o atributo que possui de não ser totalmente passível de conhecimento. A visão dos luares, ou seja, das passagens da lua pelo céu, não permite que se saiba exatamente como a lua é. Logo, junto com sua parcela de divindade, o sujeito lírico recebe também um pouco de mistério.

Aqui está a segunda limitação à autopercepção histórica que o sujeito lírico nos poemas analisados impõe. Não pode ser de todo descoberto. Todos os vestígios que por ventura viesse a deixar, juntos, não permitiriam sua compreensão completa por um historiador imaginário. Mas, o mais importante, o sujeito lírico tampouco é capaz de reconstituir-se a si mesmo, porque suas aventuras terrenas e históricas ficam pequenas perto do que realmente lhe importa: o mistério do que não passa, nem acaba, do que continuamente muda de forma para continuar a existir para sempre. De que valem alguns luares diante do enigma da lua?

A primeira limitação à autopercepção histórica, por sua vez, é o grande valor dado à noção de destino, em detrimento da de livre-arbítrio. Cecília Meireles conhecia bem o budismo, e esse conhecimento parece repercutir na construção de alguns de seus sujeitos líricos. O budismo e todo

o pensamento oriental que o sustenta coloca o homem como mais um entre tantos seres que compõem o universo (GRANET, 1997). Nessa visão holística a vontade de um só perde força (bem ao contrário do que acontece nos picos mais elevados do subjetivismo ocidental moderno), e as circunstâncias que escapam ao controle individual encontram-se mais visíveis e destacadas. Mas como fazer a história das forças imponderáveis que escapam ao arbítrio humano se o plano da história, no fim das contas, como afirma Collingwood, é "um plano completamente humano" (COLLINGWOOD, 1994, p. 93) e, como tal, pressupõe que o espírito humano seja capaz de conhecer todos os pormenores da "criação da sociedade humana pelo homem" (COLLINGWOOD, 1994, p. 94)? O sujeito lírico com o qual nos deparamos até aqui encontra-se na fronteira entre duas visões de mundo diametralmente opostas. Possui consciência histórica mas não a valoriza, por um lado, e por outro, se reconhece alhures a divindade, hesita em atirar-se cegamente em seus braços, não a compreende e a teme.

Em outro poema, *Anjo da Guarda*, há mudança de perspectiva do sujeito lírico, que não se concentra nem na grande divindade, como em *Mar absoluto*, nem em si mesmo, como em *Canção*. Seus olhos voltam-se agora para o anjo da guarda enviado para zelar por ele; é com o anjo que conversa. Leiamos as quatro últimas estrofes do poema:

Debruço-me, e não vejo de que parte
podes ter vindo, nem por que motivo.
E a coragem perdi de perguntar-te.

Deixo-te isento. Não serás cativo
de quem não te quer ver no cativeiro
de enigmas em que voluntário vivo.

Mas não partes: que, cego e sem memória,
por instinto conheces teu caminho,
e vens e ESTÁS, alheio à tua história.

E és como estrela, em séculos movida,

que num lugar do céu foi colocada
por uma simetria não sabida (MEIRELES, 1983, p. 143).

Da conversa do sujeito lírico com seu anjo da guarda depreendemos que esse sujeito vive por vontade própria em um “cativeiro de enigmas”. O anjo é cego e a cegueira, aqui como em *Beira-mar*, encontra-se associada ao plano metafísico, enquanto o olhar liga-se à passagem histórica do tempo e ao transformar das coisas. Em outras palavras, a cegueira corresponde à incapacidade de captar o mundo físico, enquanto o olhar é, a seu turno, cego para o universo metafísico. Assim, o sujeito lírico, que não é “cego”, vive cercado de enigmas porque não está alheio à sua própria história. É sua consciência histórica, ainda que limitada, que tolhe seus instintos, instintos que, muito vivos no anjo, permitem que este siga sem conflitos interiores o caminho que a “simetria não sabida” lhe reserva. O anjo simplesmente é (“e ESTÁS”) enquanto o sujeito lírico sabe que sua existência é transitória, e não está certo quanto à autoria do traçado de seu caminho. Ele não enxerga Deus fora do mundo.

A solução para o sujeito lírico historicamente consciente mas ansioso pelo contato com o plano metafísico oculto é a fusão desse plano com a dimensão terrena, com a natureza. Daí o Deus-Mar cantado pelo sujeito lírico em *Périplo*, poema final de *Mar absoluto*, e cujas últimas estrofes são estas:

Deus-Mar! Por ti vimos o Eterno e a Variedade:
a ti pedimos o que deste e o que negaste.

Se um dia foste em nosso lábio prata móvel,
branco alimento – um dia fomos, em teu lábio,

triste despojo, corpo vão, débil tributo...
Porque és assim, para te amarmos e possuírmos,

e em ti deixarmos nossa vida, mudamente,
dada ao que for verdade e lei no teu mistério.

Deus-Mar, tranqüilo, e inquieto, e preso e livre, antigo
e sempre novo – indiferente e suscetível!

Em cada praia deste mundo te celebram
os que te amaram por naufrágios e vitórias,

e religiosos se renderam, convencidos,
à lição tácita dos símbolos marítimos (MEIRELES, 1983,
p. 149).

Nos versos citados, o sujeito lírico, ao dirigir-se ao Deus-Mar, fala em terceira pessoa. Não é a voz de um indivíduo que fala com esse Deus, mas a voz do conjunto dos homens. É por Deus que o sujeito “viu” tanto o plano metafísico (“o Eterno”) quanto o histórico (“a Variedade”). Aparente equiparados, tais planos, no entanto, não têm o mesmo peso. O plano metafísico, divino e eterno é mais valioso do que o histórico, humano e transitório, visto que enquanto o sujeito lírico reconhece a preciosidade de Deus (“prata móvel”, “branco alimento”), a si mesmo representa aniquilado pela presença divina, é “triste despojo, corpo vão, débil tributo”. A vida humana é oferecida a Deus resignadamente, “mudamente”, pois o sujeito lírico não dispõe de palavras capazes de revelar o mistério divino. Já a imagem do Deus-Mar é a união de opostos, caracteriza aquilo que o sujeito lírico em diversos poemas de *Mar absoluto* atribui a um Deus: é tranqüilo/inquieto, preso/livre, antigo/novo, indiferente/suscetível (o segundo par do binômio sempre contém adjetivos que servem para qualificar a histórica condição humana). É esse Deus-Mar, esse Deus-Natureza, através de seus “símbolos marítimos”, que vence a resistência dos homens incrédulos, dotados de olhar histórico. O mar é o mistério na terra, e é a ele que os sacerdotes do poema de Cecília querem se religar. Querem, mas não conseguem com facilidade, porque o sujeito lírico de Cecília padece das dúvidas da modernidade: ao procurar por Deus tanto dentro de si (em sua subjetividade) quanto fora (no mundo e no além-mundo), muitas vezes pressente havê-lo encontrado. Mas nunca tem certeza.

KERN, D. Hidden Gods: the lyric subject and the history in “Absolute sea” by Cecília Meireles

Abstract: In this article, after the consideration of that the historical perception of the transcourse of time, as well as the delimitation and the expression of subjectivity are constructions gradually elaborated by the culture occidental, is intended to study the relation of the lyric voice of the modern poetry with history. As analysis object had been selected poetries of the Cecília Meireles’s book Mar absoluto, in which was distinguished the interaction of the lyric voice with historical and Metaphysical dimensions of the relation of the I with the world, from the moment where we understand that also the lyric speech on the Metaphysical plan is a privileged dimension for the understanding of the modern lyric subjectivity.

Keywords: subjectivity, history, poetry, Cecília Meireles

Referências bibliográficas:

AUERBACH, Erich. A cicatriz de Ulisses. In: _____. **Mimesis**. São Paulo: Perspectiva, 2004. p. 1-20.

BECK, Heinrich. **El dios de los sabios y de los pensadores**. El problema filosófico de Dios. Madrid: Editorial Gredos, 1968.

COLLINGWOOD, R. G. **A ideia de história**. 8. ed. Lisboa: Editorial Presença, 1994.

COOK, Albert. **The reach of poetry**. West Lafayette: Purdue University Press, 1995.

GRANET, Marcel. **O pensamento chinês**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

A eterna mesmice. In: **Eclesiastes 1:4-11. A bíblia sagrada**. 2. ed. Trad. João Ferreira de Almeida. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1993. p. 664.

MEIRELES, Cecília. **Mar absoluto e outros poemas**: retrato natural. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1983.

MORRIS, Colin. **The discovery of the individual 1050-1200**. Toronto: University of Toronto Press/Medieval Academy of America, 2004.

RENAUT, Alain. **The era of individual**. A contribution to a history of subjectivity. Princeton, New Jersey: Princeton University Press, 1999.

SNELL, Bruno. O despontar da individualidade na lírica grega arcaica. In: _____. **A cultura grega e as origens do pensamento europeu**. São Paulo: Perspectiva, 2000. p. 55-79.

TARNAS, Richard. **A epopéia do pensamento ocidental**. Para compreender as idéias que moldaram nossa visão de mundo. 6. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

Bibliografia:

BAUMER, Franklin L. **O pensamento europeu moderno**. Lisboa: Edições 70, 1977. 2 v.

GANNETT, Cynthia. **Gender and the journal**. Diaries and Academic Discourse. Albany, N.Y.: State University of New York Press, 1992.

LAO-TSÉ. **Tao Te Ching**. São Paulo: Martin Claret, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Uma história da leitura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MARQUES, Ramiro. **Breve história da ética ocidental**. Lisboa: Plátano Edições Técnicas, 2000.

WEAVER, Richard M. **Ideas have consequences**. Chicago and London: The University of Chicago Press, 1984.

VICO, Gianbattista. **Princípi di scienza nuova**. Milano: Mondadori, 2003.